

A cidade e as serras (1901), de Eça de Queirós

Trecho I

“A ideia de Civilização, para Jacinto, não se separava da imagem de Cidade, duma enorme Cidade, com todo os seus vastos órgãos funcionando poderosamente. Ne, este meu supercivilizado amigo compreendia que longe de armazéns servidos por três mil entregadores; e de mercado onde se despejam os produtos de trinta províncias; e de bancos em que retine o ouro universal; e de fábricas fumegando com ânsia, inventando com ânsia; e de ruas, cortadas por baixo e por cima, de fios de telégrafos, de fios de telefones, de canos de gases, de canos de fezes; e da fila barulhenta dos ônibus, carroças, velocípedes, calhambeques; e de dois milhões duma vaga humanidade, fervilhando na busca dura do pão – o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver!

Quando Jacinto, no seu quarto do 202, me desenrolava estas imagens, todo ele crescia, iluminado. Que criação augusta¹, a da Cidade! Só por ela, Zé Fernandes, só por ela, pode o homem soberbamente afirmar a sua alma!...

[...]

– Aí tens tu, o fonógrafo²!... Só o fonógrafo, Zé Fernandes me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de ser pensante e me separa do bicho. Acredita, não há senão a Cidade, Zé Fernandes, não há senão a Cidade!

E depois (acrescentava) só a Cidade lhe dava a sensação, tão necessária à vida como o calor, da solidariedade humana. E no 202, quando considerava em redor, nas densas massas do casario de Paris, dois milhões de seres arquejando³ na obra da Civilização (para manter na natureza o domínio dos Jacintos!), sentia um sossego (...).

Eu murmurava, impressionado:

– Caramba!

Ao contrário no campo, entre a inconsciência e a impassibilidade da Natureza, ele tremia com o terror da sua fragilidade e da sua solidão. Estava aí perdido num mundo que lhe não fosse fraternal (...). Em meio da Natureza, ele assistia à súbita e humilhante inutilização de todas as suas faculdades superiores. De que servia, entre plantas e bichos – ser um Gênio ou ser um Santo? (...) Toda a intelectualidade, nos campos, se esteriliza, e só resta a bestialidade.”

QUEIRÓS, Eça. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ática, 1998, p. 19-20

1 Augusta: sublime, magnífica.

2 Fonógrafo: antigo aparelho que reproduzia sons gravados em cilindros ou discos metálicos.

3 Arquejar: respirar com dificuldade.

Trecho II

“Era de novo fevereiro, e um fim de tarde arrepiado e cinzento, quando eu descii os Campos Elísios¹ em demanda do 202. Adiante de mim caminhava curvado, um homem que, desde as botas rebrilhantes até as abas recurvas do chapéu de onde fugiam anéis dum cabelo crespo, resumava elegância e a familiaridade das coisas finas. Nas mãos, cruzadas atrás das costas, calçadas de anta branca², sustentava uma bengala grossa com castão de cristal. E só quando ele parou ao portão do 202 reconheci o nariz afilado, os fios do bigode corredios e sedosos.

– Ó Jacinto!

– Ó Zé Fernandes!

O abraço que nos enlaçou foi tão alvoroçado que o meu chapéu rolou na lama. E ambos murmurávamos, comovidos, entrando a grade:

– Há sete anos!...

– Há sete anos!...

E, todavia, nada mudara durante esses sete anos no jardim do 202! (...) Mas dentro do peristilo³, logo me surpreendeu um elevador instalado por Jacinto – apesar do 202 ter somente dois andares (...).

Eu murmurei, nas profundidades do meu assombrado ser:

– Eis a Civilização!

Jacinto empurrou a porta, penetramos numa nave cheia de majestade e sombra, onde reconheci a Biblioteca por tropeçar numa pilha monstruosa de livros novos. O meu amigo roçou de leve o dedo na parede; e uma coroa de lumes elétricos, refulgindo entre os labores do teto, alumiu as estantes monumentais, todas de ébano⁴. (...)

Não contive a minha admiração:

– Ó Jacinto! Que depósito!

Ele murmurou, num sorriso descorado:

– Há que ler, há que ler...

[...]

Subitamente, a um canto, repicou a campainha do telefone. E enquanto o meu amigo, curvado sobre a placa, murmurava impaciente “Está lá? – Está lá?”⁵, examinei curiosamente, sobre a imensa mesa de trabalho, uma estranha e miúda coleção legião de instrumentozinhos de níquel, de aço, de cobre, de ferro, de utilidades misteriosas. Tomei um que tentei manusear – e logo uma

ponta malvada me picou o dedo. Nesse instante rompeu de outro canto um tique-tique apressado, quase ansioso. Jacinto me socorreu, com o rosto no telefone:

– Vê aí o telégrafo!... Ao pé do sofá. Uma tira de papel que deve estar correndo.

E, de fato, de uma cobertura de vidro posta numa coluna, e contendo um aparelho esperto e ligeiro, escorria para o tapete, como um verme, a longa tira de papel com caracteres impressos, que eu, homem das serras, apanhei maravilhado. A linha, traçada em azul, anunciava ao meu amigo Jacinto que a fragata⁶ russa *Azoff* entrara em Marselha⁷ com avaria!

Já ele abandonara o telefone. Desejei saber, inquieto, se o prejudicava diretamente aquela avaria da *Azoff*.

– As *Azoff*?... A avaria? A mim?... Não! É uma notícia.

Depois, consultando um relógio monumental que, ao fundo da Biblioteca, marcava a hora de todas as capitais e o curso de todos os planetas:

– Eu preciso escrever uma carta, seis linhas... Tu esperas, não, Zé Fernandes? Tens aí os jornais de Paris, da noite; e os de Londres, desta manhã. (...)

Mas eu preferi inventariar o gabinete, que dava à minha profanidade serrana todos os gostos duma iniciação. (...) Sobre uma banquinha (...) pousava uma máquina de escrever; e adiante era uma imensa máquina de calcular (...).

[...]

Ali jaziam mais de trinta mil volumes, e todos decerto essenciais a uma cultura humana. Logo à entrada notei, em ouro numa lombada verde, o nome de Adam Smith. Era pois a região dos Economistas. Avancei – e percorri, espantado, oito metros de Economia Política. Depois avistei os filósofos (...). Pelas encadernações logo se deduziam as doutrinas: Hobbes, embaixo, era pesado, de couro negro; Platão, em cima, resplandecia, numa pelica pura e alva. Para adiante começavam as Histórias Universais. (...) Mergulhei na seção das Ciências Naturais (...). Afastei as cortinas de veludo – e por trás descobri outra portentosa rima de volumes, todos de História Religiosa (...).

[...]

E, através da Biblioteca, penetramos na sala de jantar – que me encantou pelo seu luxo sereno e fresco. (...) Mas já eu me começava inquietar, reparando que a cada talher correspondiam seis garfos, e todos de feitios astuciosos (...). Todo um aparador, porém, vergava sob luxo redundante, quase assustador de águas – águas oxigenadas, águas carbonatadas, águas fosfatadas, águas esterilizadas, águas de sais, outras ainda, em garrafas bojudas, com tratados terapêuticos impressos em rótulos.

– Santíssimo nome de Deus, Jacinto! Então és ainda o mesmo tremendo bebedor de água, heim? (...)

– Não... É por causa das águas da Cidade, contaminadas, atulhadas de micróbios... Mas ainda não encontrei uma boa água que me convenha, que me satisfaça... Até sofro de sede.

QUEIRÓS, Eça. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ática, 1998, p. 23-30.

1 Campos Elísios (*Champs-Élysées*): principal avenida de Paris, França, que atravessa o centro da cidade; rodeada de jardins, lojas, restaurantes, cinemas, residências elegantes, monumentos e edifícios públicos, ela simboliza o estilo e a alegria de viver dos parisienses.

2 Anta branca: referência à luva de pelica branca.

3 Peristilo: no texto refere-se ao saguão de entrada do edifício.

4 Ébano: madeira de árvore escura, pesada e resistente.

5 Está lá?: expressão usada pelos portugueses para atender ao telefone. Equivale ao “alô” falado no Brasil.

6 Fragata: tipo de navio de guerra.

7 Marselha: cidade portuária ao sul da França, o maior porto comercial do país.